

VOLUME 3
NÚMERO 4
DEZ/2019
ISSN 2596-0849

CAUS
CULTURAL

OEIRAS PIAUÍ

HISTÓRIA E CAPITAL DA FÉ

Página 2



CASARÃO
DA FAMÍLIA
BARROS

Página 5



LABORATÓRIO
DE LEITURA E
PRODUÇÃO
TEXTUAL



Editorial

A 12° edição da Revista Cais Cultural, projeto do Laboratório de Leitura e Produção Textual (LPT/CNPq), em parceria com alunos do 3º ano do Colégio Técnico de Floriano/UFPI, aborda aspectos culturais, religiosos e históricos da cidade de Oeiras, primeira capital do estado do Piauí. Para aprofundar-se mais e disseminar conhecimentos que abordam sobre questões culturais, entrevistou a professora de artes Antônia Mary. Além disso, a edição traz reportagem sobre o desconhecido Casarão da Família Barros, localizado no município de Barão de Grajaú-MA. Ótima leitura!

Expediente

CRIAÇÃO E CONCEPÇÃO
LPT e 3º ANO DO ENS. MÉDIO

EDITOR
José Ribamar Lopes Batista Jr.

REPORTAGEM
Ana Vitória Santos Marques
Antonio Rômualdo da Costa Neto
Jairan Alves Azevedo
Maria Clara Oliveira Trajano

ENTREVISTA
Antônio Kayky Alexandre Miranda
Maria Clara Oliveira Trajano
Vitória Maria Rodrigues M. da Silva

FOTOGRAFIA
Jarod Mateus de Sousa Cavalcante
Luiza de Oliveira Caminha

DICAS
Ana Vitória Santos Marques
Antônio Kayky Alexandre Miranda

REVISÃO
José Ribamar Lopes Batista Jr.
Denise Tamaê Borges Sato
Sandro Xavier

DIAGRAMAÇÃO
Romano Rocha

CONTATO
caisculturalctf@gmail.com
89 98125-8251

Editora da Universidade Federal do Piauí
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella,
espaço Rosa dos Ventos - Iningá
CEP: 64.049-550 - Teresina Piauí

PERIODICIDADE
Trimestral

OEIRAS/PI: PATRIMÔNIO CULTURAL E RELIGIOSO DO PIAUÍ

Oeiras é um município do estado do Piauí localizado a aproximadamente 290 quilômetros da capital do estado, Teresina. A pequena cidade é reconhecida pelo seu grande e diversificado patrimônio cultural e histórico, e também pela forte crença e mitos religiosos seguidos pelo seu povo ao longo de mais de 300 anos.

Assim como muitas cidades brasileiras, principalmente as mais antigas, nasce ao redor de uma igreja. Segundo o próprio escritor da região Dagoberto Carvalho, nenhuma cidade é portuguesamente brasileira se não nasce em derredor de uma igreja. Oeiras é um exemplo disso, pois desenvolveu-se ao redor da Matriz de Nossa Senhora das Vitórias, que é a padroeira da cidade e do Piauí. Para lembrar a importância da santa, a população de Oeiras, juntamente com a Prefeitura, criou, no Morro do Leme, uma grande estátua de Nossa Senhora das Vitórias, perto da qual, em todo 15 de outubro, dia da padroeira, é realizada uma procissão da igreja matriz ao Morro do Leme, realizando uma missa em celebração à data. Com isso, morro tornou-se um dos pontos turísticos mais visitados e importantes da cidade.

Outro mito a respeito do Morro do Leme, é o do Carneirinho de Ouro, que fala que ele mora na gruta do morro e que ele cuida da estátua. Dizem, também, que há uma serpente que cuida do carneirinho. Muitas pessoas afirmam que, à noite, o carneiro sai para assustar as pessoas, porém um fato interessante que a lenda conta é que na testa do animal tem uma estrela e que se alguém conseguir tocá-la ficará extremamente rico.

Oeiras foi nomeada capital da província do Piauí, sendo a primeira, em 1758, sede de grandes decisões políticas para o estado até a transição da capital para Teresina, onde, nesse período, foram construídos diversos monumentos dos séculos 18 e 19, que remontam à colonização e à independência do Piauí. Entre eles, está situada a Casa de Pólvora.

A Casa de Pólvora é uma construção militar, sendo a única do período colonial que



ainda é existente e servia para guardar e fabricar objetos que utilizassem a pólvora da tropa portuguesa que estava na cidade, comandada pelo Major Fidié, a fim de conter as lutas pela independência. Ao lado desse edifício, há uma marca fincada no chão que traz a lenda do Pé de Deus e Pé do Diabo. Essa lenda fala que, nos tempos em que Jesus andava na Terra e passou na cidade de Oeiras, deixou a marca do seu pé esquerdo num lajeiro, caracterizando ali como uma terra santa. Já o Diabo, invejoso como é, deixou a marca do seu pé ao lado, para confundir os fiéis, porém a marca era de um pé arredondado e com muitos dedos, dando uma visão muito feia, enquanto que a outra era muito mais bonita. Assim, foi atribuída a feia para o Diabo e a bonita para Deus. Quando são visitados os hortos, acende-se uma vela para o pé de Deus e joga-se uma pedra no Pé do Cão, criando um monte de pedras sobre ele. Dizem, também, que o apocalipse surge se o Pé do Cão for descoberto.



A fé e cultura na cidade de Oeiras se misturam. As igrejas são exemplo disso. A igreja do Santo Rosário, com a dança dos Congos; e a Igreja Matriz de Nossa Senhora das Vitórias, com suas cantorias e entoadas.



A igreja do Santo Rosário foi uma construção realizada pelos jesuítas, pelos índios e pelos negros, pois o bairro do Rosário, onde fica a construção da igreja, em meados dos séculos 17 e 18, era habitado pelos negros escravizados, pelos negros de baixa renda e pelo brancos pobres. Como consequência disso, a igreja era visitada principalmente pelas pessoas mais pobres da sociedade e pelos negros, porque não era permitido que essas pessoas visitassem a igreja da matriz, e a Nossa Senhora do Rosário é considerada a padroeira dos negros. Já a igreja da Nossa Senhora da Vitória foi construída pelas pessoas mais ricas da sociedade na época. É a igreja mais antiga do estado, construída em 1733. Sua construção possui características barrocas mais sertanejas e nela há um relógio construído em Liverpool, em 1717, na Inglaterra, cuja máquina utilizada em sua construção está situada, hoje, no Museu de Arte Sacra. Uma grande característica da igreja que perdura até hoje são as badaladas do sino. Há 14 toques diferentes, que são reconhecidos pelos moradores mais velhos da cidade.



Oeiras também possui uma ponte que, historicamente, tem grande importância para a cidade, pois antigamente ela dava acesso a Teresina. Ela foi um dos primeiros bens tombados pelo Iphan, em 1940, juntamente com a igreja matriz. Sob essa ponte havia um riacho. À sua margem direita, havia uma vaca mocha, por isso o denominaram como Riacho Mocha. Inicialmente, a vila, que seria Oeiras, se chamava Vila da Vaca Mocha, logo após abreviaram para Vila do Mocha, tempo depois que passou a ser chamado de Oeiras. O Riacho Mocha se ligava ao Riacho da Pouca Vergonha, que recebia essa denominação porque as mulheres, na época, lavavam roupas seminuas em suas águas. Esse riacho faz uma divisão natural geográfica da cidade, pois, de um lado ficava a parte rica da cidade e do outro a parte mais pobre.



A cidade de Oeiras sempre foi marcada por um grande número de suicídios e de pessoas com forte depressão que, na maioria das vezes, chegaram à loucura, como dizia o poeta oeirense O. G. Rêgo de Carvalho, "de poeta, músico e louco, em Oeiras todos têm um pouco". Muitos acreditam que isso se dá pelo fato de que a cidade foi construída dentro de um "buraco". Além disso, os casamentos consanguíneos



ocorriam bastante por lá, portanto, em 1º de janeiro de 1901, o padre José Dias de Freitas resolveu realizar uma missa e uma procissão seguindo do centro da cidade, na Igreja Matriz, carregando uma cruz de pedra até um morro da cidade. Ao chegar lá, ele realizou a bênção da cruz de pedra para, então, acabar com a maldição da loucura do povo de Oeiras. Esse morro ficou conhecido como Morro da Cruz. Hoje, após grandes reformas, é um dos principais pontos de turismo e de lazer da cidade, onde frequentemente são realizados muitos eventos.

Por ser uma cidade histórica, Oeiras possui alguns museus, entre eles, o Museu de Arte Sacra e o Sobrado Major Selemérico. O primeiro teve sua construção no século 19 pela família Castelo Branco, uma das famílias colonizadoras. Como o próprio nome já diz, o museu é constituído de objetos de viés religioso. Atualmente, pertence à Igreja Matriz. Nele são encontrados acervos oriundos das igrejas Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Vitórias e Nossa Senhora da Conceição e de colecionadores. É composto de peças que datam do século 18 ao século 20, como imagens, crucifixos, coroas, castiçais e pertences de bispos que passaram pela diocese. Lá encontram-se todos os objetos utilizados para a realização da celebração da Semana Santa e da Procissão do Senhor Morto. O segundo museu teve sua construção em 1845, localizada na Praça Vinte e Quatro de Janeiro. Desde sua construção, o edifício sempre teve viés político, sendo casa de

diversos governadores e sede do governo da cidade. Por conta disso, o museu é composto por peças com caráter político. Em uma seção dele, há imagens de todos que já foram governadores do Piauí e pertences de alguns deles. Há também retrato do carneirinho de ouro, um mito da região, e a cópia de uma carta da primeira mulher negra advogada do Piauí, Esperança Garcia.

Por fim, ao redor da Praça da Vitória, no centro de Oeiras, há diversos monumentos, casarões e edifícios que retratam grande parte da história do estado, como, a Casa do Cônego, que foi construída pelo Visconde da Parnaíba para dar ao seu filho, João de Sousa Martins, a quem reservava o destino de ser o primeiro bispo do Piauí; a Casa do Primeiro Médico, que possui características portas azuis, pertencente ao primeiro médico do Piauí, o coronel José Luis da Silva; a Casa das Doze Janelas, que chama a atenção na região da praça por possuir 12 janelas. Ninguém sabe exatamente o motivo de o casarão possuí-las, mas especulam que seja porque o antigo dono do edifício tivesse uma dúzia de filhas e construiu uma janela para cada uma delas. Mas também se especula que o antigo proprietário tenha se inspirado no modelo árabe de construir e feito dessa forma para arejar a casa, por conta da temperatura. Portanto, é perceptível a grande riqueza cultural, histórica, religiosa e arquitetônica existente na cidade de Oeiras-PI, sendo possível observar vários fatores em que ela contribui para o entendimento da história do nosso estado.



PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO E DA HISTÓRIA DA FAMÍLIA BARROS

Barão de Grajaú, cidade maranhense que faz divisa com o município de Floriano, possui um casarão às margens do Rio Parnaíba construído em 1892 por Agapito Barros quando se casou com Liduina Maria de Oliveira Barros. A casa da família foi palco de muitas histórias, alegrias e tristezas. Além disso, foi a primeira casa comercial da cidade. Os recém-casados tiveram quatro filhos no casarão e, logo após o nascimento da primeira filha mulher e quarta filha do casal, o então comerciante Agapito Barros morreu de infarto. Após cinco meses da morte do marido, a viúva, Liduina Maria, morreu no parto do seu quinto filho, deixando seus filhos órfãos de pai e mãe. Após a morte do casal, o casarão passa a ser administrado por seu Fernando Silva, primo de Agapito e casado com a irmã de Liduína.

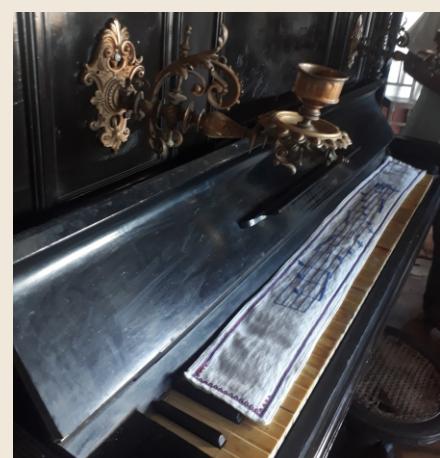
Tempos depois, morou no local outro irmão de Liduína, Severo Dias Carneiro, e, em seguida, Ranulfo Barros, outro filho dos patriarcas, que se casou com Marieta Carvalho e foi morar na casa de seus pais, tornando-se deputado constituinte em 1947, diretor dos Correios do Maranhão e pai da filha única Helena Barros Heluy. Essa, formada em direito, casou-se com um ex-promotor de justiça de Barão de Grajaú. Eles tiveram cinco filhos, 16 netos e três bisnetos. Ela mora na capital maranhense, São Luís, desde 1947 e, anualmente, gosta de trazer a família para reviver as lembranças do passado. Hoje ela é promotora de Justiça aposentada e, após a aposentadoria, ingressou na militância social, candidatando-se em 1985 a vice-prefeita de São Luís, não sendo eleita. "Nossa chapa era um tanto quanto Rebelde e fazia restrições a uma série de práticas", afirma Helena.

No ano seguinte, 1986, candidatou-se novamente e também não se elegeu. Já em 1988, candidatou-se a vereadora e ficou como segunda suplente. Somente em 1996 foi eleita vereadora de São Luís. Com a saída do deputado João Marcos Fernandes, em 1998 ela ficou com o cargo, pois era a primeira suplente. Em 2002, foi reeleita, tendo o fim de sua carreira política em 2006 quando se candidatou pela última vez a deputada estadual.

Helena Barros conserva a herança deixada pelas gerações da família Barros: o Casarão Centenário. Para isso, mantém a estrutura e os objetos deixados pelos familiares, tendo um valor sentimental inacabável, pois possui peças que marcaram a sua história e sua infância como o seu berço, a cadeira onde comia, banheira, cama, sendo, também, o seu local de nascimento e de seu pai, Ranulfo.

Pelo fato de a construção ser muito antiga, serviu também de rancharia para comerciantes que passavam pelo Rio Parnaíba em embarcações a vapor, pois a região do Maranhão e do Piauí ainda não possuía estradas, sendo ponto de parada a casa da família Barros.

Barão de Grajaú possui marcas da passagem dos árabes pela região. No quintal do Casarão, ainda permanece um pé de tâmara, símbolo do Saara, que foi deixado pela colônia Árabe de Floriano há 104 anos. O espaço conta também com objetos que fizeram parte de sua hereditariedade: o piano de seu avô, a sanfona e um quadro que sua tia Hercília Barros deixou, além do sofá em que Liduína foi velada, a cadeira em que o governador Sebastião Asher da Silva se sentou em 1950 quando passou pelo Casarão, uma oratório das irmãs e



professoras da família Neto. Ainda se encontram conservados as palma-tórias, os registros fotográficos de seus pais e de suas tias Hercília Barros e Noca. A casa é mobiliada e ainda conta com o teto totalmente original, feito de Carnaúba.

Quando se pergunta do futuro do casarão, Helena não sabe afirmar, pois "em janeiro, éramos 23 pessoas que estávamos aqui, agora somos quatro. Logo, de vez em quando a casa está cheia, mas não sei qual o sentimento deles". Assim, o casarão é símbolo e registro da formação de Barão de Grajaú. Sua existência é de fundamental importância para conhecer a história do município e possui esplêndida beleza, no entanto, não é um espaço aberto para visitações diárias.



CAIS CULTURAL ENTREVISTA

Cais Cultural conversou com Antônia Mary, professora de artes no Colégio Técnico de Floriano (CTF/UFPI), sobre a relação entre arte e cultura, bem como sobre suas práticas de disseminação da cultura por meio da arte, dentro e fora do CTF.

Cais Cultural: Primeiramente, qual a sua história com a arte? O que levou você a seguir no ramo artístico, tendo em vista que, no país em que vivemos e, principalmente, no estado do Piauí, tal área vem se tornando cada vez mais desvalorizada?

Antônia Mary: Minha história com a arte teve início desde a infância e com o ensino de arte, em 2009. Quando criança, tive contato com as formas primitivas de reverenciar o sagrado por meio de ritos, nos quais o simbolismo religioso da fé cristã dialogava com a experiência cultural do bumba meu boi, das danças de roda e das canções de ninar. Foi no afago dos meus pais e da comunidade do bairro Ininga, em Teresina/PI, que o gosto por formas, corpos e sonoridades simbólicas aguçaram os meus sentidos para arte. Com 10 anos de idade, eu já experimentava alguns materiais plásticos e de grafismo. Estudei por sete anos o balé clássico na academia do bailarino Helly Batista, conhecida como Agitate. Tenho formação em teatro pela Casa da Cultura de Teresina e pelo Teatro 4 de Setembro, e cursei algumas disciplinas para formação de atores. Nesse ínterim, cursava licenciatura em teologia na UFPI, mas almejava também cursar artes. Após o término do curso, fui convidada a lecionar a disciplina ensino religioso no Colégio Estadual Zacarias de Góis, conhecido como Liceu Piauiense. Durante nove anos, atuei como professora, mas cursava arte na UFPI. Ao finalizar o curso de arte, fui professora substituta, especializei-me em arteterapia, cultura visual e metodologia do ensino de arte, dança e consciência corporal. Ainda não tenho um diploma de mestre e nem de doutora, mas considero-me pesquisadora e doutora em minha área. Dedico tempo à leitura e à pesquisa em sala de aula na observância de minha

prática docente. Estou com um curso de mestrado trancado em Portugal por dificuldade financeira, pois na UFPI o salário de professor 20h é reduzido. Infelizmente no Brasil há essa hierarquia de valores, de atribuir competência ao profissional pela bagagem de papel que acumula na gaveta. Somos obrigados a cursar, em muitos casos, áreas que não têm a ver com o que realmente nos identificamos, apenas para conseguir um diploma, guardar na gaveta o objeto que propomos pesquisar. Considero-me intensa. Quando há afinidade, entrego-me; quando não, também não faria "para mostrar". Acredito que ninguém vem ao mundo por acaso e tudo tem um sentido na vida. Se estamos aqui no Brasil ou em qualquer outro lugar, é porque há espaço para todos. Profissionalizar-se em arte é como qualquer outra área. As oportunidades ao profissional é uma guerra e campo de disputa. Todos querem se dar bem, independentemente do que acontecerá com o outro. Nessa disputa, alguns são passados para trás por descaso, negligência ou ignorância dos que estão à frente do poder institucional. Há mercado para as artes no Brasil ou em qualquer outro lugar. Basta de discriminação profissional em benefício a outras áreas de conhecimento. Arte é conhecimento e tem o seu lugar no mercado, mas vivemos em um país de terceiro mundo, sim!

CC: Ao seu ver, qual a ligação da arte com a cultura? E como ela pode auxiliar e preservar questões culturais e históricas?

AM: Culturas são diferentes maneiras de produzir bens simbólicos em movimento cílico e constante de transformação e descoberta de novas possibilidades de interação do homem com a natureza, consigo mesmo e com o outro. Arte é pensamento e idealização de experiências culturais mapeadas por formas concretas. É um diálogo entre subjetividades/objetividades. Há uma relação intrínseca com a experiência cultural, pois as memórias presentes na produção artística ou objeto

de arte resguardam desejos e experiências afetivas, individualidades e gostos dos grupos sociais de uma determinada época. A memória individual e a memória coletiva constituem lugares, moldando as relações temporal entre passado e presente. Sua função social congrega diferentes olhares e percepções de mundo, bem como o porvir de civilizações. Portanto, há uma cultura de arte e uma arte na cultura permitindo, assim, o compartilhamento dessas memórias. A preservação relacionada às questões culturais e históricas é possível, quando alguém, em algum lugar, se propõe a multiplicar os saberes e os conhecimentos, seja pela história oral ou suportes diversos utilizados para produzir uma obra ou objeto de arte. As políticas culturais são intervenções propostas pelo estado, instituições civis e comunidades organizadas, e contribuem para a circulação, divulgação e preservação do patrimônio histórico. Por isso, a importância de investimentos na área da cultura para que sejamos guardiões da memória e não uma sociedade de esquecimentos.

CC: Após você entrar na instituição, quais foram os seus meios de levar a arte e disseminar a cultura por meio da arte, para a sala de aula? Nesse período você enfrentou desafios?

AM: O professor de arte é alguém comprometido com o conhecimento e a reflexão dos saberes que norteiam a prática pedagógica. De alguma forma, esse profissional estará sempre disseminando a cultura artística na escola, seja qual método utiliza em sua prática, pois arte é conhecimento. Os métodos da professora Mary são possibilidades de conhecer arte por experiências internas, subjetivadas/objetivadas, ter contato com produções artísticas e reflexivas da estética tradicional e contemporânea, sempre mediada por processo de criação. Estamos numa era de transformação cultural, enfrentamentos e resistências. A todo instante a circulação de informação e saberes disseminados pela mídia, tevê aberta e redes sociais impactam na juventude de uma forma bem mais rápida que a escola. Os desafios do professor de arte transitam pelas ideologias da cultura de massa, das imposições do mercado e do engessamento das intuições públicas. Esses desafios não cessarão enquanto houver um professor reflexivo, inquieto e comprometido com o seu fazer. Penso que as parcerias com pessoas engajadas em disseminar a cultura no município são benéficas. As parcerias com o Sesc e Secretaria de Cultura têm sido relevantes nesse trabalho.

CC: Fora da instituição, você realiza outras ações a fim de semear práticas artísticas e culturais?

AM: O trabalho com arte exige disponibilidade de tempo, pois, no pensamento do artista, a criatividade e o desejo de vivenciar experiências inovadoras são insights latentes e, para tal, eu teria que residir em um único município. Semear práticas artísticas culturais prescinde, portanto, estar inserida em grupos, tempo disponível para encontros, discussões e ensaios. Se eu trabalhasse apenas em Teresina, teria disponibilidade para o envolvimento, mas no município de Floriano as pessoas que trabalham com práticas culturais são envolvidas em outras formas de profissionalização que não sejam apenas com arte. Dentro da instituição é que o trabalho do professor se realiza de forma eficaz, pois há uma sequência didática e pedagógica que concerne ao estímulo da arte como área de conhecimento. Somos solícitos quando convocados para trocas de experiência com a Secretaria de Cultura e o Sesc. Realizamos três exposições nos espaços culturais em Floriano e fora dos muros da instituição UFPI, no intuito de disseminar a cultura de apreciação das artes plásticas e o trabalho realizado em sala de aula por alunos da disciplina. Na perspectiva de conscientização política, levamos uma performance de dança para a Praça da Matriz em momento de mobilização social e reflexão da atual conjuntura política e econômica. Foram práticas executadas por alunos e alunas e criadas em sintonia com os conteúdos que estávamos trabalhando em sala de aula, dentro, portanto, de uma sequência didática que inclui o conhecer a obra, o apreciar e o fazer.

CC: Durante esses anos, qual o tipo de mudança que você já percebeu no aluno que realiza os seus projetos artísticos na instituição? Com isso, como você acredita que a arte pode ajudar na vida de uma pessoa?



Na minha pele

Trata-se de um livro biográfico do ator Lazáro Ramos em que ele traz temas como intolerância e racismo, vivenciados em sua trajetória, para serem analisados. A obra mostra os meios pelos quais podemos nos empoderar para tentar barrar atitudes preconceituosas.

LIVRO

Olhos que condenam

Baseada em fatos, retrata o preconceito racial e a privação de direitos. A série traz uma história em que uma mulher é estuprada e cinco jovens negros são incriminados injustamente.

SERIADO

Democracia em vertigem

Documentário produzido pela cineasta Petra Costa, no qual ela retrata o atual contexto da política brasileira, dando ênfase a fatos importantes que levaram o país a sofrer o golpe em 2016 contra a então presidente Dilma Rousseff e ao declínio da esquerda.

FILME



AM: O contato com a experiência artística viabiliza desobstruir expressões cindidas e descobrir o sensível, conhecer diferentes estilos artísticos, ampliar o repertório de informação visual, a socialização de experiências sensíveis e percepção crítica. Há jovens que são receptivos às experimentações estéticas e aqueles que demonstram mais facilidade no uso dos instrumentais plásticos. É possível perceber, nesses grupos, protagonismo, autonomia, criatividade, facilidade na resolução de problemas e hipóteses. Do ponto de vista técnico e de configuração formal, percebe-se ampliação das capacidades sensitivas, alfabetização visual e domínio no uso das espacialidades, dentre outros aspectos.

CC: Por fim, qual a sua opinião sobre o atual cenário da juventude em relação a sua própria cultura?

AM: A juventude está imersa nas transformações culturais e por sua vez produzindo cultura. Não há uma “cultura própria”, mas experiências culturais hibridizadas e multifacetadas. O mundo não é estático, mas dinâmico e, nessa dinamicidade, surgem, entre os jovens, movimentos de aculturação. É nesse cenário social globalizador que a juventude é modificada pela demanda das estruturas sociais, das imposições capitalistas e do mercado. Desse modo, os paradigmas que vigoravam no passado são desconstruídos e (re)significados. De acordo com essa dança mercadológica, surgem novas formas de readaptação e de segregação da sociedade. Não temos apenas uma cultura erudita ou popular, mas a interconexão e a aculturação de valores são as diferenças que impulsionam o novo, e é nesse multiculturalismo que os complexos da juventude encontram refúgio e recriam práticas de libertação convenientes ao seu habitat. Mas é claro que cada estrutura social procura demarcar sua característica peculiar a que chamamos de cultura. Por exemplo, no Brasil temos o samba e em cada região diferentes

musicalidades, como é o caso do frevo em Pernambuco, com um ritmo dançante adverso do samba carioca, mas que, por uma análise de movimento, percebemos que o frevo é uma dança de ritmo acelerado, surgiu no movimento abolicionista na rivalidade entre bandas militares e os escravos. Os escravos, quando libertos, comemoravam com o corpo em movimento frenético, acrobático e acelerado. Apresentam elementos da capoeira. O contexto político social foi de efervescência e tensões psicológicas da classe operária. O samba tem raízes africanas. Foi trazido ao Brasil pelos escravos angolanos e é fruto da miscigenação da música africana com a europeia. No início, foi conhecido como dança de roda, mas inclui características da música portuguesa. Sabe-se que seu surgimento no Brasil foi no século 17, mas já existia desde 1860. Seus movimentos reportam às rodas de capoeira, às lutas, aos ritos aos orixás. Identificamos o samba com elementos rítmicos diferentes, de acordo com cada região. Temos um samba na Bahia, samba carioca, samba paulista. Em Portugal, temos o fado, que resguarda sua origem na mistura entre europeus, americanos e africanos; e resguarda o gênero musical do lundu, que era cantado e dançado por escravos no período em que o Brasil era colônia de Portugal. Foi levado a Portugal em 1820, mas até hoje se discutem suas “fronteiras culturais”, promovendo a desterritorialização e reterritorialização desse gênero. No Rio de Janeiro, era dançado com movimentos sensualizados. Quando apropriado por Portugal, o ritmo se modifica. Identificamos o quanto é tênue essa “fronteira”. Pensar a cultura como fenômeno é desterritorializar e perceber a “fronteira cultural” como forma de contaminação e trocas culturais, visto que é uma realidade transcendente permeada por ethos. De acordo com a historiadora Pensavento (2002), “a fronteira é um limite sem limites, que aponta para um além. É um conceito impregnado de mobilidade”.

